

Carta do Editor

Normalmente, enquanto editor, tenho usado este espaço para apresentar os textos da edição corrente, proporcionando aos nossos leitores uma ideia daquilo que encontrarão na leitura de nossa revista. Peço desta vez a permissão e paciência dos leitores para falar de um tema diferente, certamente já muitas vezes discutido, mas que julgo importante sempre termos presente: a relevância da educação como instrumento de transformação da sociedade.

Este tema me ocorreu após assistir um longo e profundo debate entre um historiador, um filósofo e um jornalista sobre um recente escândalo que levou o presidente da República Federal da Alemanha a renunciar. A Alemanha nos parece muito distante e a cultura política muito diferente, mas o que é sintomático em todo o acontecimento e às causas que o precipitaram é a “cultura” universal daquilo que realmente parece dominar, hoje, nossas vidas: a busca de resultados sem esforço, de uma cultura de “mais aparência do que conteúdo”, da fama-relâmpago promovida pelas redes sociais, pelo fator QI (Quem Indica) como meio de ascensão econômica e social. Lá, como aqui, pasmem, a cultura social, educacional, política, tem mudado, e não necessariamente para melhor.

Durante este interessante debate

que, sinceramente, eu gostaria de ver mais na TV aberta de nosso país, o filósofo comentou acerca da grande transformação que, na sua opinião, foi a mais importante contribuição do iluminismo francês à humanidade: a ideia de que se pode formar uma elite através da educação, e não por laços hereditários (ele tinha em mente a nobreza da época). Uso o termo “elite” em seu sentido positivo, pois parece-me que nos últimos anos conseguimos transformar o termo em algo que nos faz sentir vergonha de a ela pertencer. Creio que há aqui uma confusão de termos. Somos, de certo modo,

Não devemos trivializar o conhecimento; ele tem um preço: o trabalho árduo. E é um preço que vale a pena pagar. É o preço da transformação

uma cultura estranha: não nos incomodamos em ser a “elite” do futebol, mas se estamos doentes, queremos, se possível, ser atendidos pelos melhores médicos, pela elite médica – mas confundimos “elite” com “elitismo”. Obviamente posso estar errado e não espero que todos concordem comigo, mas da mesma maneira que nem toda criança que aprenda a jogar bola vai um dia se tornar “O Fenômeno”, nem todos que se dedicam a uma profissão se tornarão expoentes – o que não significa que elas não devam ser competentes. Competência e excelência são coisas diferentes. Um dos expoentes do iluminismo francês, Denis Diderot (1713–1784) disse que devemos lutar pela democracia do acesso à educação,

mas defender a supremacia do mérito. E ninguém mais que Diderot exemplificou em atos esta filosofia.

Enquanto físicos e educadores, acredito ser nossa obrigação garantir a qualidade do ensino de física em nosso país. A Física na Escola e a Revista Brasileira de Ensino de Física têm este objetivo. Mas tornar a física mais viva, mais interessante, mais próxima do dia-a-dia não significa torná-la mais fácil. Insisto muito neste ponto quando em sala-de-aula. Digo a meus alunos que não acho que a física seja fácil, e realmente acredito no que digo. Para mim a diferença é a paixão, que faz com que tentemos superar as dificuldades pela vontade de aprender, o que não se aplica exclusivamente à física. Não devemos trivializar o conhecimento; ele tem um preço – o trabalho árduo – e cabe a nós tentar incutir em nossos alunos que é um preço que vale a pena pagar. É o preço da transformação.

Uma boa leitura,
Sílvio R. Dahmen

